

## A Água na Saúde da População Rural do Minho no Século XVIII

*The water in Minho's Health Rural Population in the eighteenth century*

Araújo A.P.<sup>1</sup>, Araújo D.<sup>2</sup>

---

ARTIGO ORIGINAL | ORIGINAL ARTICLE

### RESUMO

A utilização das águas como meio de tratamento e de cura, no que é hoje o território português, é muito antiga, e anterior à fundação da nacionalidade. No Minho rural e profundamente católico do século XVIII, as águas aqui tão abundantes, usavam-se empiricamente como meio de tratamento, pela sua temperatura ou mineralização, mas também por propriedades milagrosas que lhe eram atribuídas, diretamente ou por interseção de algum santo padroeiro. O objetivo do presente trabalho foi entender a importância das águas para a saúde da população minhota e rural no século XVIII, mas integrada no fenómeno religioso e no quadro do estudo das vivências e mentalidades desta população na Idade Moderna. Nesse sentido foram essencialmente estudadas duas obras, o Aquilégio Medicinal, um tratado de águas medicinais de 1726, e as Memórias Paroquiais de 1758, referentes aos distritos de Braga e Viana do Castelo, um enorme acervo documental para o conhecimento do Portugal setecentista. Os autores concluíram que a experiência curativa era uma experiência religiosa e a representação social das águas como meio de cura estava então alicerçada em elementos mágicos e religiosos, e povoada por crenças, mitos, superstições e, sobretudo pelos suportes materiais e devocionais da religião Católica. Nesta interseção entre propriedades físico-químicas e medicinais das águas e virtudes, mais ou menos miraculosas, que a lenda, o imaginário popular e o devocionário católico consagraram, os autores propõem uma viagem a uma época histórica do termalismo português em que se fazem os primeiros trabalhos e publicações sobre águas e suas propriedades medicinais.

**Palavras-chave:** Minho rural, propriedades medicinais das águas, arte de curar

### ABSTRACT

The use of water as a means of treating or curing, in what is now Portuguese territory, is very old, and predates the founding of the nation. In rural and deeply catholic Minho in the eighteenth century, the water, here so abundant, were used empirically as a means of treatment, for its temperature or mineralization, but also due to miraculous properties assigned to it. The objective of this study was to understand the importance of water for the health of the rural population of Minho in the eighteenth century, but integrated into the religious phenomenon in the Modern Age. In this sense two papers were mainly studied, the Aquilégio Medicinal, a treatise on medicinal waters of 1726, and the 1758 Parish Memories, referring to the districts of Braga and Viana do Castelo, an important document to the knowledge of eighteenth-century in Portugal. The authors concluded that the healing experience was both a religious experience, and the social representation of water as a means of healing, was rich in myths, beliefs, and in the devotional supports of the Catholic religion. In this interception between physicochemical properties of medicinal waters, and legends, Catholic saints, and popular imagination, the authors propose a trip to a historical era of Portuguese hydrotherapy in which the early studies and publications on waters and its medicinal properties were made in this country.

**Keywords:** rural Minho, medicinal properties of the water, art of healing

---

<sup>1</sup> Doutoranda da U. Minho. Membro CITCEM.

<sup>2</sup> Médico pneumologista, CHAA, S. Pneumologia

*Autor para correspondência:* Duarte Araújo; duartearaujodr@sapo.pt

Submetido/Submitted: 12 outubro 2015 | Aceite/Accepted: 13 dezembro 2015

## INTRODUÇÃO

A água é uma substância abundante no nosso planeta, que cobre cerca de três quartos da sua superfície, mas a água doce representa menos de 3% do total de água disponível, e desta só cerca de 65% se encontra no estado líquido, nos rios, nos lagos e nos cursos subterrâneos. É sabido que a água no estado líquido é indispensável à vida, e que os seres vivos, uns mais do que os outros, são constituídos em grande parte por ela. A água é geralmente referida como incolor, transparente, sem cheiro e sem sabor, mas a sua capacidade de dissolver substâncias diferentes pode alterar algumas dessas características e, algumas águas, aparecem na natureza com determinadas propriedades físico-químicas, que as tornam desde logo distintas, como a temperatura elevada ou o tipo ou grau de mineralização, tendo por isso sido usadas, desde há muito, com finalidades terapêuticas.

A água é tão essencial à vida que não admira que, ao longo da história da humanidade, grandes aglomerados populacionais e grandes civilizações tenham nascido e florescido ao longo de cursos de água, e que ela mesma se veja representada nas mais variadas culturas: os hindus purificam-se nas águas do Ganges, os muçulmanos purificam-se antes de entrarem nas mesquitas, e para os cristãos ela adquire, através do batismo, o mesmo significado de purificação. Como o padre Raphael Bluteau afirmou, *a água é o princípio de todas as gerações naturais, e até para regenerar, purificar, e em certo modo Deificar os homens, é necessária a água do batismo*<sup>1</sup>. A utilização das águas como meio de

tratamento e de cura, no que é hoje o território português, é muito anterior à fundação da nacionalidade, e muito ligada à cultura romana, que lhe deu um aspeto multidimensional, porque ao componente de benefício para a saúde, lhe acrescentou uma vertente social, de lazer e bem-estar. Do ponto de vista histórico, alguns autores dividem o termalismo em Portugal em seis fases: o período pré-romano, lusitano-romano, pós-romano/luso-germânico, árabe, e posteriormente dois grandes períodos, um que vai do século XII, com a formação da nacionalidade até à primeira legislação sobre recursos hídricos em 1891, e um último após esta legislação<sup>2</sup>. O presente trabalho centra-se no período anterior ao da legislação, no século XVIII, e no período anterior aos primeiros estudos sobre águas no Reino de Portugal.

## OBJETIVO DO ESTUDO

O objetivo do presente trabalho foi entender, ainda que de uma forma geral, qual a importância das águas para a saúde da população minhota e rural no século XVIII, mas integrada no fenómeno religioso e no quadro do estudo das vivências e mentalidades desta população na Idade Moderna, com particular relevância para as representações sociais da doença e, sobretudo da água como meio de cura. Entendemos, para efeitos do presente estudo, por representações sociais da saúde e da doença a construção de imagens de uma realidade natural, mas baseadas em predisposições afetivas e cognitivas e recheadas de elementos de natureza mágica e sobrenatural<sup>3</sup>. O presente estudo centra-se no Minho rural e no período do século XVIII

imediatamente anterior aos primeiros estudos sobre águas em Portugal e à tomada de consciência, pela sociedade científica, da importância dos recursos hídricos, tanto do ponto de vista da saúde, como do ponto de vista económico. Ao contrário de alguns países da Europa em que os locais termais mais cedo foram uma moda, como em França, instalando-se a corte em instâncias termais por períodos de tempo consideráveis (é desses tempos a expressão *la saison* ou época termal), ou na Inglaterra, onde a aristocracia adere aos *Bath*, em Portugal ninguém parecia então estar sensibilizado para os benefícios económicos das águas termais, apenas ia surgindo algum pequeno comércio ou pequenos agregados populacionais junto aos recursos hídricos. Só mais tarde as estâncias termais ganhariam algum destaque<sup>4</sup>, não só como meio terapêutico, tendo o termalismo saído do empirismo, mas também como zonas de recreio e polos de animação da economia<sup>5</sup>. Por outro lado surgem nesta altura as primeiras publicações médicas sobre águas em Portugal (não ainda estudos), como o Aquilégio Medicinal, em 1726, escrito por Francisco da Fonseca Henriques, médico da corte de D. João V e conhecido como “Mirandela”. São também desta época as Memórias Paroquiais (de 1758), com informações detalhadas sobre o uso das águas na população rural e minhota. Não admira pois que sejam estas duas obras o alicerce do presente estudo, já que, apesar de autorias tão díspares, um médico no primeiro caso, e os párocos memorialistas no segundo, ambas as obras são extremamente ricas em informações sobre as propriedades

físico-químicas das águas, seu uso e interesse terapêutico, mas também em informação sobre os suportes materiais e devocionais do Catolicismo, sobre histórias, lendas e virtudes atribuídas às águas, e sobre a forma como a água, meio de tratamento de doenças e sintomas, era representada socialmente. Este período do século XVIII apresenta-se assim, na história do termalismo em Portugal, como a melhor janela para o estudo da importância das águas na saúde da população rural de então, mas integrada com o fenómeno religioso e do estudo das mentalidades e das representações sociais da doença e da água, como meio de cura; entendemos aqui por termalismo, o uso de água mineral natural na saúde, para prevenção, tratamento, reabilitação ou bem-estar<sup>6</sup>.

Em 1758, Castro Sarmiento escreve sobre a constituição química das águas, e em 1772, são feitos os primeiros estudos sobre as águas mineromedicinais portuguesas. João Nunes Gago, médico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1779, publicou uma obra de 289 páginas, intitulada *Tratado físico-químico - médico das águas das Caldas Da Rainha* (Lisboa, Tipografia Rollandiana, 1779, 8º de XVI). Ribeiro Sanches<sup>7</sup> refere-se à água como recurso incomparável para a manutenção de uma nação com indivíduos saudáveis, sendo *remédio contra a fadiga, contra o cansaço do suor, contra a comichão, reumatismo, sarna, e outros males próprios da vida do soldado*, e a aristocracia portuguesa começa tardiamente a descobrir o gosto pelos destinos termais; em 1891 surge a primeira legislação sobre recursos hídricos, e no século XIX vive-se já um

período de pujança do termalismo em Portugal. Com o progressivo interesse da classe médica pelo termalismo, com a renovação do interesse pela vertente lúdica, com o nascimento da moda de ir às termas, na aristocracia e burguesia, com uma nova mentalidade preocupada com a vertente económica e turística, fechava-se de vez a janela histórica sobre o termalismo português da forma como o pretendíamos estudar.

### **AS ÁGUAS COMO MEIO DE CURA**

No Minho rural e profundamente católico do século XVIII, as águas, tão abundantes nesta província do Reino, usavam-se como meio de tratamento, pela sua temperatura ou mineralização, sendo já conhecidas empiricamente muitas indicações terapêuticas. Mas mais que as suas propriedades físicas, químicas ou medicinais, as águas eram representadas socialmente como meio de cura através de propriedades milagrosas que lhe eram atribuídas, diretamente ou por interseção de algum santo padroeiro. Nessa época as águas são-nos descritas como puras, cristalinas, diuréticas, facilitadoras da digestão, mas elas simultaneamente são prodigiosas, virtuosas e até santas. É nesta interseção entre propriedades físico-químicas e medicinais, e virtudes mais ou menos miraculosas que a lenda e o imaginário popular consagraram e que até os médicos de então parecem a elas não ter escapado, que as vamos estudar, no quadro das práticas na assistência na saúde e na doença no século XVIII. A experiência curativa é simultaneamente uma experiência religiosa, e a representação social das águas como meio de cura está alicerçada

em elementos mágicos e religiosos, e povoada por crenças, mitos, superstições e sobretudo pelos suportes materiais e devocionais da religião Católica. Nesse sentido foram essencialmente estudadas duas obras, o Aquilégio Medicinal, um tratado de águas medicinais, escrito por um médico, e as Memórias Paroquiais de 1758, referentes aos distritos de Braga e Viana do Castelo, consideradas hoje um enorme acervo documental para o conhecimento do Portugal setecentista, e particularmente ricas nos elementos que nos permitem compreender o devocionário minhoto de então, e o modo como ele ajuda a construir as representações sociais da saúde e da doença, coabitando e moldando a cultura popular.

### **AS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE 1758**

As Memórias Paroquiais de 1758 são a resposta a um inquérito solicitado aos párocos, pela Coroa, e por ideia do governo pombalino, de molde a permitir um melhor conhecimento do território, das suas gentes, dos seus costumes e das suas tradições, sendo uma importante janela para o conhecimento do Portugal de então, e apesar de serem particularmente ricas em informação sobre os suportes materiais e devocionais da religião<sup>8</sup>, dão-nos também informações detalhadas sobre o uso das águas na saúde das populações rurais no século XVIII. As M.P. conseguem desenhar a fisionomia de um Portugal rural, concelho a concelho, paróquia a paróquia, beneficiando da extraordinária proximidade entre pároco e população; descrevem-nos a vida destas populações, as suas preocupações, os santos adorados, as

romagens e peregrinações, as feiras e as festas populares. Num artigo anterior os autores analisaram a relação entre o devocionário minhoto do século XVIII e o modo como ele, ao ajudar a construir as representações da doença e da cura, influencia as estratégias terapêuticas no Minho rural de então. Neste trabalho damos destaque ao modo como, através do olhar dos padres memorialistas, a

população rural usava as águas como meio de tratamento e de cura.

Na tabela 1 assinalamos a totalidade das referências às águas no texto das M.P. de Braga e Viana<sup>9</sup>, quer se trate de rios, fontes, poços, cisternas ou caldas, suas características próprias, doenças que eram supostamente tratadas, formas de tratamento e os santos padroeiros com elas relacionados.

Tabela 1. Referências às águas como meio de tratamento e cura

Fonte/ doc.	Concelho/ Local	Características da água*	Doenças	Terapias	Santo pa- droeiro/ Observa- ções
MPB	Amares / Caldelas 6 ou 7 olhos ou fontes em que nascem águas quentes	<i>C-Tem tal virtude a água destas fontes que um vidro imundo cheio de água delas, o purifica de tal forma que fica tão puro como na hora em que se faz. E se fosse referir ca- balmente sua virtude seria necessário grande extensão pois bastão os médicos de Braga para relatar sua virtude pois tem feito nela muitas experiências</i>	<i>(...) cujas águas novamente agora experimentadas para doentes e nelas recuperam saúde todos os doentes de lepra, fígado, chagas, (...) bostela, cursos contínuos. (...) que logo delas saem limpos e são como foi uma minha freguesa po- bre que por não ter com que fosse ao Gerês, as tomou nelas e ficou limpa de lepra. E outra que tinha o corpo todo uma chaga do fíga- do e ficou limpa e san da queixa; Um homem da cidade de Braga que padecia de cursos contínuos à vinte e quatro anos e nelas lhe vedaram. (...) em uma ocasião que foi assistir a um mori- bundo do garrotinho por me chegar a ele fiquei infectonado</i>	<i>(...) logo ao 4º banho lhe cascou a cara toda que a tinha em uma bos- tela. (...) e indo-se en- cher uma garrafa de água delas para os médicos de braga fazer experiencia a quis provar (...) e em breve espaço me achei livre da infectação que gravemente me molestava</i>	

Tabela 1. Referências às águas como meio de tratamento e cura (cont.)

MPB	Amares/ Figueiredo - referência às caldas de Caldela	C- (...) doze ou treze fontes de moderado calor (...) se tem descoberto naquelas águas trazerem muitas partículas de caparrosa pelo cheiro dela (...) Aurificam a prata imersa nelas. (...) são semelhantes às do Geres	(...) muito adstringentes e proficuas nas diarreias, esquinencias, chagas antigas e novas cutâneas, (...) No ano de 56 para 57 deste século morreram muitas pessoas naquela freguesia de uma epidemia de garrotilhos. (...) participam de bastante betume porque resolvem, molificam e atenuam todas as durezas, trazem muita virtude de aso porque desobstruem brevissimamente	(...) e principiando a beber destas águas os infecionados desta queixa, todos triunfaram da enfermidade, sem aplicação de outro remédio	
MPB	Barcelos/ Areias	C-Tem o distrito desta freguesia três fontes permanentes	(...) gente a ela concorre a lavar-se de várias enfermidades que padeciam	Banhos	(...) em o dia de São Vicente
MPB	Barcelos / Alheira Fonte do Sol	F- (...) água milagrosa	(...) água milagrosa que toda a mulher ou animal que no tempo de criarem os seus filhos se lhe seca o leite bebendo dela se lhe restitui outra vez o leite.		
MPB	Barcelos / 3 Fontes -Lugares, de Santo André, Cangostas, e a fonte de Cobelas		(...) muita gente a ela concorre a lavar-se por várias enfermidades que padeciam		(...) vem alguns em o dia de S. Vicente (...)
MPB	Barcelos / Fonte de Águas Santas	F- (...) dizem são milagrosas	(...) para a enfermidade de maleitas	(...) vem buscar várias pessoas	
MPB	Braga / Fonte de S. Giraldo que estava junto ao templo da Deusa Isis	F-(...) de cujas virtudes trata o médico de Mirandela			

Tabela 1. Referências às águas como meio de tratamento e cura (cont.)

MPB	Guimarães Caldas de Vizela (S. João)	C- (...) águas cálidas sulfúreas (...) de mais ou menos efervescência conforme a ígnea atividade que lhes comunicam os ardentes minerais	Servem as referidas águas de curativo a várias enfermidades especialmente a estupores e reumatismos,	Concorre bastante gente desta Província a tomar os seus banhos, além de muita que em pipa se transporta a partes remotas	
MPB	Guimarães Caldas de Vizela (S. Miguel)	C- (...) água quente sulfúrea e medicinal	(...) e a elas concorre muitas pessoas e sendo a doença estupor ou reumatismo	(...) e tomam estes os banhos em casa dos lavradores e em tinhas, conduzindo a elas água em pipas (...) e também é levada água a diversas e remotas partes, como à cidade do Porto...	
MPB	Guimarães Caldelas, Lugar da Canhota	C- (...) nascem dois cachois de água que dizem vem de mineral de enxofre (...) é a dita água em todo o tempo tépida	(...) tem alguma virtude a dita água para nela tomarem banho (...) e muitas pessoas se tem achado bem	(...) banhos	
MPB	Melgaço (...) fonte junto ao rio Minho	F-(...) que se lhe chama por tradição antiga a Fonte Santa, tem a água dela várias virtudes  Tem a água desta fonte um cheiro de enxofre mas no sabor não tem mau gosto. É muito clara e muito fresca, somente o cheiro de enxofre tem a circunstância que lançando-se na dita água alguma prata a põe em breves instantes amarela como perfumada de ouro e logo se tira da água esfregando-a com os dedos da mão se alimpa e fica como dantes limpa.  Por donde corre água da dita fonte deita um limo pelo rego da cor do mesmo eixofar	(...) especialmente para queixas de destemperança de fígado, lepra e outras mais queixas que procederam de humores quentes.  Tem mais a virtude que quem beber da água dela lhe abre a vontade de comer se tiver fastio (...) e lavando alguma ferida com a água dela são especialmente se for presidida deste [...] do fígado tem sido muita gente que vem tomar banhos a ela recuperando a saúde perdida de água milagrosa	Beberagem e abluções	

Tabela 1. Referências às águas como meio de tratamento e cura (cont.)

MPB	Melgaço / Chaviães	R- Minho	Salutíferas, medicinais, asidulas por passarem por minerais de ferro (...) e costumam onde nasce corre pouca água, deixar por cima um lasso prateado com algumas feses douradas	*** Tem virtude eficaz para curar feridas porque são um conjunto de várias águas e muitas delas são sulfúreas que nascem pela borda do dito rio e outras nasceram no centro dele e pelas áreas de ouro	As suas águas são excelentes de Verão para tomar banhos e os toma muita gente com conselho dos médicos
MPB	Monção -A nordeste da Vila próximo às margens do rio Minho e pouco distante das muralhas		(...) que por experiencia são admiráveis para estu-pores e humores frios	(...) existia um tanque de água nativamente quente onde se tomam banhos	
MPB	Monção -A Poente deste tanque em distância de cousa de cinquenta passos nasce de poucos anos a esta parte outro olho de água (...)	C- (...) muito mais sulfúrea e mais calor do que aquela. (...). Mais acima do dito tanque e na borda do mesmo rio estão outros olhos de água bem clara e sem cheiro algum e calor	(...) é excelente para desfazer obstruções (...)	E quer se beba assim ou aserenada para esfriar e usar-se dela	
MP	Ponte de Lima/ Bertandos	R- Lima	A virtude particular que tem este rio é com sua água e mundancia de áreas por onde passa	(...) se aproveita muitas gentes com nele tomar banhos e conhecem melhoras nas suas queixas	Banhos
MPVC	Ponte de Lima/ Gandra	R- Lima			As suas águas, principalmente desta freguesia para baixo inclusive, tem especial virtude para Ponte de Lima/ Santa Combabanhos e vem muita gente de longe toma-los por conselho dos médicos



Tabela 1. Referências às águas como meio de tratamento e cura (cont.)

MPVC	Ponte de Lima / Santa Comba	R- Lima	(...) <i>com especial virtude que em todo ele</i>		(...) <i>se tomam banhos e bem deles muitas várias pessoas de diferentes</i>
MPVC	Ponte de Lima / Santa Cruz	R- Lima	<i>Suas águas na opinião dos doutos professores da Medicina por experiencia que delas tem são proficuas em banhos para várias enfermidades</i>		Banhos
MPB	Terras de Bouro / Campo do Gerês	C- (...) <i>as melhores do reino</i>		(...) <i>banhos para os enfermos</i>	Virgem Santa Eufémia
MPB	Terras de Bouro / Rio Caldo (Caldas do Gerês)	C- (...) <i>perto desta freguesia (...) cinco fontes ou poços (...) muito bem experimentada a sua virtude</i>	(...) <i>vários enfermos que nela recuperam e cobram perfeitamente saúde</i>		Virgem Santa Eufémia
MPB	Terras de Bouro / Vilar de Veiga (Caldas do Gerês)	C- (...) <i>cinco fontes de qualidade quente (...) muito bem notória a sua virtude</i>	(...) <i>em cujas águas recuperam muitos enfermos perfeita saúde (...) experimentam muitas melhoras em todas as queixas</i>		
MPVC	Valença / Cristelo Novo	R-Minho	(...) <i>as águas do dito rio tem alguma virtude</i>	(...) <i>para quem toma banho nele</i>	
MPVC	Valença / S. Pedro da Torre	R-Minho		<i>Nele tomam pelo Verão muitas pessoas banhos</i>	
MPVC	Valença / S. Estevam	R-Minho	<i>As águas deste rio são refrescantes (...) e de que percebem bom efeito talvez por se juntarem de várias serras de Portugal e Galiza adquirindo qualidades dos minerais por donde passam para suas virtudes</i>		(...) <i>muitas pessoas se banham nelas</i>
MPVC	Valença / Santa Maria	R-Minho			(...) <i>alguns que se banham nas suas águas e experimentam bons efeitos</i>

Tabela 1. Referências às águas como meio de tratamento e cura (cont.)

MPVC	Viana do Castelo / Darque	R-Lima	<i>Não consta terem as suas águas virtude particular, só sim tanto que acabam nele as águas salgadas, que com impulso da maré sobem légua e meia desta freguesia e duas léguas da barra</i>	<i>Enfermidades que padecem</i>	<i>(...), acima deste limite tomam muitas pessoas os banhos na água doce deste rio e se acham com muita melhora</i>
MPVC	Viana/ Montaria	F	<i>(...) para darem a beber às mulheres que criam e animais que tem falta de leites, para o que dizem faz em lho aumentar</i>	<i>(...) a tomar água de uma fonte que está perto da capela (...) e que a levam em cabaças e infusas</i>	<i>Tem uma ermida da invocação de São Mamede</i>

\*C=Caldas; F=Fontes; P=Poços e C=Cisternas; R=rios

## O AQUILÉGIO MEDICINAL DE 1726

O Aquilégio Medicinal é uma obra escrita por Francisco da Fonseca Henriques, médico da corte do então rei de Portugal, D. João V, e que, tal como afirma na própria capa<sup>10</sup>, *dá noticia das agoas das caldas, das fontes, rios, poços e cysternas do Reyno de Portugal e dos Algarves, por suas virtudes medicinaes/...*, e é por alguns autores considerado o primeiro tratado sobre águas minerais em Portugal. Logo no prólogo da obra, o autor começa por se espantar pela enorme riqueza do reino em águas, bem como pela ignorância ou *falta de notícia* da virtude das mesmas, já que *sò na provincia de Entre Douro, e Minho, na pequena circunfriação de deloito légoas que occupa de cumprimento e doze de largura, tem mays de vinte, e cinco mil fontes. Os rios tambem faõ tantos, que não houve Hiftoriador que os reduziffe a numeros/....* O Santo Ofício, pela pena de Fr. Domingos de Amorim, aprova a publicação desta obra, e considera as águas tão importantes para a nossa terra como o sangue que corre nas nossas

veias; já o Ordinário do Santo Ofício, Fr. Manoel de S. Boaventura, considera o Aquilégio Medicinal, a que chama *coleção de aguas medicinais*, uma obra que facilita o conhecimento médico das virtude das águas, o que trará melhora à saúde dos doentes, dada a importância das águas na natureza humana, e encontra nas águas da Lusitânia as mesmas virtudes das águas de Jerusalém, que, no dizer de S. João, curam *languidos, cegos, mancos, aeyjados e aridos*; encontra no autor, tal como o Desembargador do Paço, muitas qualidades médicas e de filósofo, tal como o próprio autor, que, quando se lhe acaba o conhecimento médico, diz ver-se obrigado a discorrer como filósofo. O livro está dividido em vários capítulos, caldas (águas que nascem quentes mas onde se tomam banhos), fontes quentes, fontes frias, rios, poços, lagoas e cisternas, e são descritas as virtudes medicinais das águas bem como *dos males para que servem*, notando-se desde logo, para além do aspeto curativo, preocupações preventivas, já que *muytas agoas medicinaes, (são) de grande utilidade*

*para a duração da vida, e de igual efficacea para confervação da faude, ou quem bebe dessa água nunca teve obstruções ou queixas nephriticas, outros bebem dela e vivem muito e morrem velhos ou prolongam a vida ou preservam dos ditos males, que os moradores da vila nunca padecem, e até mesmo dalgumas águas diz que, se as beberem, não há matrimónio infecundo.* Para além das propriedades físico-químicas das águas, o autor fala-nos dos custos da sua frequência, das condições de acessibilidade, e até de casos clínicos, para comprovar as suas propriedades, mas que na realidade são mais experiências ou relatos de casos ou curas, feitos na terceira pessoa. Os doentes podiam frequenta-las a expensas próprias, por caridade do provedor (do hospital local da misericórdia) ou por *esmola de algum fidalgo*; podiam frequenta-las com ou sem receita médica; se tivessem receita médica e na ausência de autorização do provedor, por qualquer razão, às vezes apenas por este não considerar essas caldas apropriadas para o mal de que o doente padecia, estes frequentavam-nas muitas vezes a expensas do próprio médico; também há registo de frequência das caldas com recusa do médico mas com *intelligência com o enfermeyro dos religiosos ou à revelia do parecer médico mas pela fama, ou noticia, que anda entre os enfermeyros.* A frequência das caldas fazia-se em condições muito rudimentares; alguns dos motivos que ilustram as más condições das termas são, segundo o Aquilégio Medicinal: fontes tão chegadas ao rio que este as cobre no Inverno, maus acessos (*rompendo matos até aquelle tempo impenetraveys*), ausência

de tanques para tomar banho, ausência de pias para colocar a água, fazendo-se em buracos no chão; necessidade de transporte de água do local, arrefecendo e perdendo propriedades, falta de casas ou povoação de apoio, falta de casas de banho e falta de médico ou de enfermeiro, falta de abrigos para quem sai do banho, falta de alojamentos para os enfermos, acessos vedados por negligência, infraestruturas em ruínas ou demolidas por causas políticas, e nascentes que se encham de lodo na maré cheia, entre outras. Também os poços estavam frequentemente negligenciados, não cuidando deles ou mesmo deitando-lhes entulho. Ao longo de toda a obra, a descrição das propriedades curativas das águas tem sobretudo relação com relatos populares das suas virtudes, adquirindo no livro foros de conhecimento médico; é por isso uma ampla listagem de águas, frequentemente com as suas características bioquímicas, propriedades medicinais, doenças ou sintomas para que eram usadas e modo de uso, os chamados meios de cura, tal como banhos de imersão, abluções ou ingestão, que sendo frequentemente apenas do conhecimento das populações e dos médicos locais, são então divulgadas e publicitadas, mas em que os conhecimentos, necessariamente rudimentares, são ainda populares e empíricos, tendo a história, a lenda e os relatos de curas a essas águas associados, dado alguma consistência às suas propriedades curativas; por isso o livro não debate, não se interroga, não esclarece ou justifica, mais divulga um conhecimento popular e transpõe-no para conhecimento médico, dando-lhe

alguma robustez. Sendo assim, as águas continuam a ser *virtuosas*, e as suas curas *milagrosas*, e as lendas e as crenças, populares e religiosas, reforçadas pela medicina da época; não admira por isso que o Santo Ofício...*naõ fô naõ ache coufa digna de cenfura contra noffa Fé, e costumes: antes muyto que louvar...* Sendo o Aquilégio Medicinal provavelmente a mais importante obra no género escrita no século XVIII, seria talvez de esperar, a nosso ver, maior rigor se não científico, pelo menos clínico, já que foi escrita por um médico, e com responsabilidades no Reino, e já ele mesmo autor de pelo menos uma obra anterior, a Anchora Medicinal. Antes de mais veja-se a adjetivação: as águas são descritas como claras, puras, cristalinas, leves, delgadas ou delgadíssimas, de sabor agradável/desagradável, gostosas, frias ou frigidíssimas, ténues, diáfanas, excelentes, ásperas, austeras, o que se compreende; termos médicos de então como desobstruentes, diuréticas, desopilativas, *salutífera*, férreas, facilitadoras da digestão, são frequentemente usados. No entanto aparece por toda a obra um outro tipo de adjetivação, tal como prodigiosas, de admirável ou conhecida virtude, águas virtuosas ou fonte de virtudes, *água a que chamam santa, bondade da ágoa ou de taõ excelente virtude*, apesar de se tratar de uma obra médica. Também ao longo do texto há muitas referências feitas às águas que tem muito mais um cariz popular e mágico/religioso que médico ou científico, porque a obra foi elaborada muito com base no saber popular-*relatos de inumeráveis experiências* - e saber dos médicos e populações locais,

e a Corografia Portuguesa foi o seu principal registo bibliográfico. Algumas delas vão ser referidas de seguida, mas em linguagem atual para facilitar a leitura: S. Geraldo a obrar milagres em fontes em Braga, águas que aparecem por interceção de santos, que *nascem sem dúvida por milagre do santo*, fontes que matam os peixes, deitam-se lá vivos e imediatamente lhes saltam os olhos para fora, águas tão frias que os peixes ficam de olhos extravasados, água que se converte em pedra, água (fonte de Sta Júlia) que cura a sarna, ou por virtude da água ou por milagre da santa, água de tão maligna qualidade que mata quem dela bebe, águas de prodigiosos efeitos, ou por milagre do santo ou por virtude da água, *virtude da água e milagre de S. João Batista*; fontes que avisam se o ano vai ou não ser fértil em pão, *serão milagres dos santos, mas fazem-no por meio destas águas*, águas que bebidas continuamente fazem criar piolhos no corpo, águas que *lançadas aos vinhos fazem estes generosos*; águas que se convertem em pedra, da qual se faz estátuas, ou que se convertem em pedra no estômago; *água que nasce por milagre desta Senhora...*, água que faz coalhar o sangue, água que tem a bondade de ter ouvido os amores do Rei D. Pedro I e D. Inês de Castro. A frialdade de certas águas é frequentemente motivo de espanto, bem como o facto de a água correr fresca no verão e morna no inverno, ou até secar no inverno e voltar a correr no verão, quando faz mais falta, *tão fria que não se pode aturar a mão nela, enquanto se reza um credo ou ... uma Ave-maria, tão fria que metendo um copo de vinho fica feito em vinagre em oito minutos ou tão fria*

que metendo-se nela 1/4 de carneiro lhe gasta a carne toda, deixando só os olhos. Frequentemente, no entanto, o autor do Aquilégio Medicinal duvida do saber popular, referindo que são virtudes *que atribuem a milagre do santo ou virtudes que são devidas à fé católica*, e se abstém de classificar; outras vezes corrige ou acrescenta algo, como águas que não são usadas medicamente, mas podiam sê-lo, graças às suas propriedades, ou o são em demasia (os gotosos que se afastem do vinho, senão não há água que os valha), ou porque prejudicam umas doenças, melhoram outras, ou águas para os *achques cutâneos, a que chamam* (o vulgo/ os religiosos, /... ) *do fígado, como as impingens, comichão, chagas e pústulas*; justifica às vezes o saber popular com conhecimentos médicos - ... *supomos que a água seja sulfúrea e nitrosa, visto que aproveita*

*tanto da cura da sarna...* ou compara a utilidade de águas com os medicamentos usuais - para recreio da alma e cura do corpo, sem experimentar o desagrado dos remédios farmacêuticos, em que é mais certo o enjoo que a utilidade ou que *depois de longas e inúteis curas se descobre a água e se põe em boa forma o governo do corpo*. Há também uma noção de pureza (hoje diríamos bacteriológica) da água: águas guardadas em tinhas (ou quando guardadas em vasilhas) ficam incorruptas muito tempo.

Apresentamos na Tabela 2 uma listagem de todas as águas medicinais referidas no Aquilégio Medicinal na atual região do Minho e assinalando, sempre que se disponhadados, o local, as propriedades das águas, as doenças/sintomas para que eram usadas, as terapias ou meios de cura, e eventualmente um santo padroeiro a que estivessem ligadas.

Tabela 2. Listagem das águas medicinais no Minho (Aquilégio Medicinal)

Concelho/ Local	Características da água*	Doenças	Terapias	Santo padroeiro/ Observações
Arcos de Valdevez, Santa Maria de Távora	C- (...) água quente	(...) para os seus achques, de que melhoram...	(...) na qual vão tomar banhos varias pessoas...	(...) nas manhãs de São João
Arcos de Valdevez/ S. Cosme	F	Alguns enfermos, que se lavam nesta fonte, invocando o Santo, melhoram	(...) que se lavam nesta fonte...	S. Cosme
Arcos de Valdevez / Fonte das Virtudes, freguesia de S <sup>ta</sup> Maria de Távora	F-	(...) muitas pessoas achacadas, melhoram de suas queixas	(...) a banhar-se nela	(...) lavando-se nela nas manhãs de S. João Batista (...) há grande concurso de gente de várias partes no dia do Santo
Barcelos / Lugar de Mariz	F- (...) cuja água tem os moradores por boa	(...) boa para várias queixas, particularmente para o fastio	(...) e antes que a bebam, a benze o Vigário do lugar	

Tabela 2. Listagem das águas medicinais no Minho (Aquilégio Medicinal) (cont.)

Barcelos /Frg. S <sup>ta</sup> Leocádia de Pedrafurada	F- (...) <i>umas fontes, a que chamam da Virtude</i>	(...) <i>vários achaques, de que melhoram</i>	(...) <i>na manhã de S. João se vão lavar nela muitos enfermos...</i>	S. João
Braga / Fonte de S. Giraldo junto à ermida de N <sup>sa</sup> Senhora	F- (...) <i>indo a aquela terra Santiago Apostolo, desenganou os Gentios, dizendo-lhe que aquela fonte só seria para eles milagrosa, se com a água dela se batizassem</i>	(...) <i>todos os males do corpo...</i>	(...) <i>e fazendo-lha beber também a eles, obrou prodigiosos milagres, sarando muitos enfermos</i>	Virgem N. <sup>sa</sup> Senhora
Braga / Fonte de S. Pedro em Maximinos	F- (...) <i>cuja água, que é muito boa, a tem os moradores por milagrosa...</i>		(...) <i>e a bebem nas suas enfermidades, com muita fé, e esperança de que lhe aproveite, como muitas vezes sucede...</i>	Muita gente manda buscar essa água no dia de S. Pedro de manhã, e a guarda como milagrosa.
Braga /Fonte Santa na freguesia de S. João Batista	F- (...) <i>fonte pouca água, mas milagrosa</i>	(...) <i>pelos prodigiosos efeitos, que nas suas doenças experimentam nela os enfermos devotos daquela Senhora (...) reconhecendo que lhe aproveita particularmente em maleitas</i>	(...) <i>que com grande fé a bebem</i>	Ermida de N. <sup>sa</sup> Senhora dos Cheiros
Tem a sua Foz entre a cidade de Tui e Vila de Caminha	R- Minho	<i>Água deste rio é muito clara, leve, e delgada; coze bem os alimentos, ainda que sejam legumes</i>	<i>São as suas águas boas para matar as lombrigas, e para preservar de que se gerem; e para beberem os galicados</i>	(...) <i>para beberem</i>
Nasce em Castro D\el Rei (Galiza) tem foz no mar de Caminha	R-Minho		Elimina e previne as lombrigas, cura os galicados	
Celorico de Basto / Fonte da Lama ou dos Vermelhiães, freguesia S. João da Arnoia	F- A água desta fonte é pura, e transparente, no Inverno tépida, no Estio fria...	(...) <i>dela se diz por tradição antiga, e constante, que nenhum dos animais, que dela bebem, morrem danados</i>	Ingestão da água	

Tabela 2. Listagem das águas medicinais no Minho (Aquilégio Medicinal) (cont.)

Celorico de Basto Gagos	F- (...) três perenes fontes (...) encanada para um tanque bem feito e desde então (...) caindo todas em uma pia de pedra e nunca secam	(...) os enfermos de cesons	E a esta fonte vão beber e mandam buscar água	Capela à Divina Providencia
Gerês, freguesia de Vilar de Veiga	C- Caldas de águas sulfúreas, com calor moderado...	(...) tem grande virtude para curar os achaques frios de nervos, estomago, juntas, e útero, (...) outras que curam as intemperanças quentes, e os males, que procedem do calor, e servem para estupores, e paralisias expurjos, e para as estuações; e incêndios dos hipocondríacos, que padecem flatos melancólicos, e para outras queixas desta classe	(...) é numerosíssimo o concurso de enfermos que lhe acode todos; a maior parte deles sem concelho de médicos; e uns bebem a água, outros tomam banhos nela...	Ajuda a ser grande o concurso da gente para estas Caldas a devoção da Virgem, e Martir Sta Eufémia Portuguesa...
Guimarães, freguesia de S. Miguel	C- (...) quentes; mas alguns com calor tão excessivo, que queimão (...). São essas Caldas sulfúreas	(...) de efficacíssima virtude em curar achaques frios de nervos, de juntas, de estomago, da cabeça, do útero, e de qualquer parte do corpo; e assim aproveitam prodigiosamente nas paralisias, e estupores legítimos; nas vertigens, convulsões, epilepsias, gota artetica, nos vômitos, e debilidade de estomago, nas diarreias por laxação do estomago, e ventre, nas obstruções, ainda que antigas; nos accidentes de útero, na esterilidade, nos prosiuvios albos das mulheres, nos reumatismos, fraqueza de joelhos, na surdez de causa fria, e nas supressões de urinas...	(...) e tiradas da fonte, é necessário que passem vinte, e quatro horas, para servir em banhos aos enfermos, que de várias partes as mandão buscar...	

Tabela 2. Listagem das águas medicinais no Minho (Aquilégio Medicinal) (cont.)

Guimarães/ Fonte de S. Brás, Lugar de Mourilhe	F- (...) e a água dessa fonte tem os moradores por mila- grosa	(...) para as dores, e quei- xas de garganta	(...) para as quais a dá a beber o Pároco	(...) que é da invo- cação de S. Brás, esta uma fonte de que dizem tirara este Santo água, com que na dita igreja dissera Missa, e consagrara em um vaso, que nela se conserva com grande veneração
Melgaço/ Castro Laboreiro	Ribeira do Porto dos Asnos		(...) água tem virtude para curar as chagas, e forragem da boca nos meninos lactantes, em que mais comumente se acha este dano	
Monção, nas margens do rio Minho	C- São as suas águas Sulfúreas, e nitro- sas	de grande virtude para curar vertigens, estupores, paralisias, epilepsias, convulsões, gota artheti- ca, vômitos, que procedem debilidade de estomago, e finalmente todos os acha- ques frios, e húmidos de qualquer partes do corpo, e assim também para obs- truções que não sejam ten- sivas, ou por ressicação; e para hidropisias anarcas, fraqueza de estomago, e juntas, que em todos estes achques são prodigiosas	(...) tanque com escadas por todos os lados, para comodamente entrarem nele os que tomam banho	
Póvoa de Lanhoso / Fonte de Tojal S <sup>ta</sup> Maria de Moura	F- (...) da qual com a sua água saem muitas pedras quadradas, como as Candares, que vem da India, de que se cantam muitas virtu- des medicinais	(...) há a experiencia de que particularmente aproveitam nas supressões de urina, e em ajudar os partos, e excluir as pareas		
Viana /Fontes: • Forneos • Abilheira • Ouro	F	(...) terem virtude parti- cular para preservar dos achques de pedra, e áreas aos que as beberem; e por serem boas para obstrução humorais	(...) de suave gos- to...	



Tabela 2. Listagem das águas medicinais no Minho (Aquilégio Medicinal) (cont.)

Viana /Fonte de S. Vicente de Areas, freguesia de Areas		(...) com que melhoram de seus achaques	(...) para beberem nela	(...) a que há um grande concurso de gente de várias partes (...) na manhã de S. João Batista
Vila Nova de Cerveira /Fonte de Vila Nova de Cerveira (na praça)	F	(...) tem virtude diurética, para obstruções e para queixas nefríticas	(...) água muito delgada, e de bom gosto	

\*C=Caldas; F=Fontes; P=Poços e C=Cisternas; R=rios

## CONCLUSÃO

A análise destas duas obras tão díspares na sua proveniência, mas simultaneamente tão semelhantes no seu conteúdo mostram-nos que no Minho rural do século XVIII, com um reduzido grau de alfabetização, as noções de saúde e doença se alicerçavam frequentemente em elementos mágico/religiosos, e as terapêuticas tinham um sabor (e saber) popular, mas permeadas de elementos pagãos misturados com elementos religiosos católicos, para além de um conhecimento médico, ainda que rudimentar, sobre a utilização das águas na saúde e na doença. Relativamente a algumas doenças e sintomas que preocupavam estas populações, e que as levavam a recorrer às águas registam-se algumas situações bem caracterizadas, como a lepra, o garrotilho, a sífilis, a infestação por lombrigas, a gota, a epilepsia ou a litíase urinária, situações menos bem caracterizadas, como doenças diversas da pele, doenças do fígado, problemas reumáticos e articulares, problemas dos nervos, problemas gástricos ou

intestinais, ou simplesmente sintomas, como a anorexia, dores de garganta, paralisias, flatulência, diarreias, obstipações, ou outros achaques e maleitas diversos. As águas podiam ser usadas no local ou transportadas em tinhas ou pipas para tão longe como a cidade do Porto, e as formas de tratamento eram a ingestão, as abluções e os banhos de imersão. Os utentes podiam fazê-lo de uma forma individual ou em grupo, e muitas vezes eram usadas em alturas particulares: no verão as águas sulfúreas de Melgaço, no dia de S. João as águas dos Arcos de Valdevez, de Barcelos ou de Viana, no dia de S. Pedro as de Maximinos, Braga, e no dia de S. Vicente em Areias, Barcelos.

Perto dos locais de captação das águas eram erigidas ermidas e capelas, com invocações à Divina Providência, a N<sup>a</sup> Senhora ou a vários santos, santas e mártires. As águas podiam ser usadas por prescrição médica, mas mais frequente simplesmente eram-no com base na fama das suas curas ou no saber popular, mas sempre com muita fé nas suas virtudes ou nas figuras santas invocadas, e com elas relacionadas. Regra

geral a frequência destas águas fazia-se em condições muito rudimentares e sem qualquer tipo de infraestruturas, quer de acessibilidade, tratamento ou alojamento dos enfermos, e sem médicos, enfermeiros ou outros profissionais de apoio aos doentes que nelas se socorriam. Para além das propriedades físicas ou químicas que as águas naturalmente apresentavam, e que as diferenciavam das demais, mas que o desconhecimento popular acrescentava um natural espanto e virtude, movia-os a fé, a tradição, rituais de purificação, crenças e relatos populares de histórias antigas de curas milagrosas.

Hoje, muitas das águas descritas mantêm indicações terapêuticas semelhantes. As águas bicarbonatadas, como encontramos nas termas de Caldelas, ou no Gerês, ainda mantêm indicações terapêuticas em doenças do aparelho digestivo, diabetes, hiperuricemia, litíase urinária, rinossinusites, laringites e bronquites e as águas sulfúreas das Taipas, Vizela, Monção, Moledo e Eirogo em doenças ginecológicas, doenças osteo-articulares, em dermatologia e em doenças respiratórias altas, como rinites, faringites e laringites.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bluteau Raphael, Vocabulário Português e latino, 1720; p. 171.
2. Quintela MM. Saberes e práticas termais uma preceptiva comparada em Portugal (termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). História, Ciência, Saúde - Manguinhos 2004 p. 239-260.
3. Araújo AP, Araújo D. O Devocionário minhoto e as representações sociais da saúde e de doença no Minho do século XVIII. Interconexões, revista de Ciências Sociais, UCP. 2014; nº2; vol. 2: p. 15-37.
4. Calado CMA, Portugal Atlas do Ambiente - Notícia Explicativa, Carta de Nascentes Minerais. Lisboa: Ministério do Ambiente e Recursos Naturais Direção Geral do Ambiente; 1995.
5. Pinheiro AJA. Ocorrências hidrominerais associadas ao acidente Gerês-Lobios: conceptualização do funcionamento hidrogeológico do sistema hidrotermal. Dissertação de Mestrado em Ordenamento e Valorização de Recursos Geológicos. Braga: 1011.
6. Cantista, APP. O Termalismo em Portugal. Anales de Hidrologia Médica. 2008-10; vol. 3: p. 79-107.
7. Sanches AR. Memória Sobre os Banhos de Vapor da Rússia Seguida de Sífilis- Doença Venérea Crónica. Machado FA (trad.). Vila Nova de Famalicão: Húmos; 2011.
8. Capela JV (coord.). Prefácio As Freguesias do Distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758. A construção do imaginário minhoto setecentista. Braga: Barbosa e Xavier; 2003.
9. Capela JV (coord.). As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758. Alto Minho: História e Património. Braga: Casa Museu de Monção/UM; 2005.
10. Henriques FF. Aquilégio Medicinal. Lisboa: Oficina da Musica; 1726.